

O Tema do Sofrimento em Dostoiévski

Oziel Carrasco

**Trabalho apresentado para o
PET/letras, para fins de avaliação das
exigências semestrais, pelo estudante
Oziel Carrasco, do 3º ano de
letras/inglês, para a prof.^a Dra. Nírcia
Cecília Ribas Teixeira.**

**GUARAPUAVA,
DEZEMBRO, 2017**

O tema do sofrimento em Dostoiévski¹

1. Introdução

O tema do sofrimento é bastante recorrente nas obras do escritor russo Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski, fazendo parte da realidade de suas personagens, constituindo assunto de suas discussões e reflexões. A importância de tal tema é tal que um dos maiores textos da crítica literária sobre o escritor se foca nele. Trata-se do artigo de 1882 “Um talento cruel”, da autoria de Nikolai Konstantínovitch Mikhailóvski. Nas palavras da tradutora do artigo, Sonia Branco, “[a]o mesmo tempo em que sintetizava duas décadas de juízos negativos da esquerda russa (...), Mikhailóvski adicionava-lhes imagens famosas, que se converteriam no núcleo das ressalvas feitas a Dostoiévski em anos subseqüentes” (GOMIDE, 2013, p. 425).

A crítica de Mikhailóvski se resume à ideia de que o sofrimento nas obras de Dostoiévski é imotivado, desnecessário, e tal imotivação artística implicaria na falta de harmonia da obra literária e seria reflexo de uma insanidade mental do próprio autor, isto é, Dostoiévski.

Neste trabalho, analisar-se-á esse artigo de Mikhailóvski, mostrando como sua crítica ao romancista russo é falha. Mais precisamente, propõe-se a: examinar a função artística do sofrimento e sua fundamentação na obra geral de Dostoiévski, de acordo com Mikhailóvski; investigar as falhas na crítica ao romancista; e elucidar a função e fundamentação do sofrimento em Dostoiévski.

Usar-se-á a tradução de “Um talento cruel” de Sonia Branco, presente na *Antologia do pensamento crítico russo*, de Bruno B. Gomide (2013). Recorrer-se-á ainda a *Crítica e Profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*, de Luiz F. Pondé (2013); a *Problemas da poética de Dostoiévski*, mais precisamente o texto em russo *Проблемы поэтики Достоевского*, de Mikhail Bakhtin (2002)²; e ao artigo de Irina Kirillova “Dostoevsky’s markings in the Gospel according to St John” (2001). Da autoria de Dostoiévski, considerar-se-ão *Os demônios* (2013), *The brothers Karamazov* (1971), e a novela *O eterno marido* (s/d). Os trechos da Bíblia aqui usados foram traduzidos por mim da edição em russo *Новый Завет и Псалтирь* (1992), da T.B.S.

¹ Orientando: Oziel Carrasco (ozcarrasco@gmail.com); Orientador: Antônio Henriques Gonçalves Cunha.

² Fonte: http://imwerden.de/pdf/bakhtin_poetika_dostoevsky.pdf.

2. A crítica de Mikhailóvski

Como já dito, o artigo “Um talento cruel” é um dos textos mais influentes já escritos sobre Dostoiévski, e nele Mikhailóvski se propõe a investigar uma das peculiaridades mais destacáveis que ele identifica no escritor: a crueldade do talento. Como Mikhailóvski observa, “quanto mais vasto é o artista, quanto mais cordas da alma humana ele dedilha, tanto mais caro ele nos é” (GOMIDE, 2013, p. 432). Entretanto, o artista, naturalmente, não é flexível e perspicaz a ponto de retratar perfeitamente todo tipo de experiência e de realidade:

(...) não é possível exigir de um poeta que represente com a mesma força e verdade as sensações de um lobo devorando uma ovelha, e as de uma ovelha sendo devorada por um lobo. Alguma dessas duas situações lhe será mais próxima e interessante, e necessariamente repercutirá no seu trabalho.

Este exemplo me é oportuno pela clareza, e creio que ninguém na literatura russa tenha analisado as sensações do lobo devorando uma ovelha com tamanho esmero e profundidade, com tamanho amor, eu diria, como Dostoiévski — se é que se pode falar em uma atitude amorosa pelos sentimentos do lobo. (...) ele escavou a alma do lobo, descobrindo ali coisas sutis e complexas — não simplesmente a satisfação do apetite, mas justamente a voluptuosidade do mal e da crueldade. Essa especialidade de Dostoiévski salta demais aos olhos para não ser notada. (GOMIDE, 2013, p. 432-3).

O tema do sofrimento está bastante presente na literatura. “É muito natural que um grande número de obras literárias esteja construído sobre esse tema, porque a literatura é apenas um reflexo da vida, e na vida há bastante sofrimento” (GOMIDE, 2013, p. 454). Mas o grande traço distintivo que o crítico aponta e impugna em Dostoiévski é o sofrimento desnecessário e imotivado, cujo reflexo formal na “arquitetura do romance ou da novela” seria o emprego de recursos diversos para provocar “excitações torturantes nos nervos do leitor” ou submeter a personagem a alguma “ação cruel qualquer”, como prolixidades em demasia e a introdução arbitrária de elementos que propiciam o sofrimento. Para efeito de comparação, Mikhailóvski toma o drama shakespeariano: nele há uma concatenação sóbria, orgânica e precisa entre os acontecimentos; quando há o tema do sofrimento, como em *Otelo*, ele é condicionado apropriadamente pelo enredo; e a narrativa é conduzida de modo necessário e sóbrio para um desfecho. Já com Dostoiévski, as personagens não se conduzem de modo tão simples: parecem mais preocupadas com o processo, não com o desfecho, o que prolonga o sofrimento.

Fomá Opísikin, personagem da novela *A aldeia de Stepántchikovo e seus habitantes*, é colocado, no artigo, como imagem exemplar da vilania desnecessária de Dostoiévski: “Ele é puro artista, poeta da cólera e da tirania sem o menor fundamento utilitário. E quanto mais bizarro e inusitado é o projeto de tortura que lhe vem à cabeça, tanto mais prazer lhe dá” (2013, p. 453). A diferença entre a personagem e o autor está, segundo Mikhailóvski, no grande talento deste, que amacia “a rudeza caricatural de seus traços fisionômicos”. De acordo com o crítico, a atividade literária de Dostoiévski está centrada numa crueldade desnecessária, incondicional, an und für sich, cuja raiz seria o talento cruel do romancista e a voluptuosidade que o martírio propicia.

O tema do sofrimento, nas obras de Dostoiévski, se baseia, afirma Mikhailóvski, em duas características básicas da natureza humana apresentadas nela: em primeiro, “o homem é um déspota por natureza e gosta de torturar”, e, em segundo, “o homem ama o sofrimento até a paixão” (GOMIDE, 2013, p. 472). É interessante notar como esta sua constatação se verifica em Dostoiévski, assim como Mikhailóvski assinala, em várias partes do artigo, razões subjacentes ao tema do sofrimento, sem lhes dar, contudo, a devida importância. O crítico se ilude ao reconhecer o sofrimento no trabalho do romancista, mas não ver a verdadeira dinâmica por trás dele.

3. A tirania do homem

A primeira das duas características humanas que servem de fundamento ao tema do sofrimento em Dostoiévski, de acordo com Mikhailóvski, é a inclinação tirânica do homem. Há dois tipos de manifestações apontadas pelo crítico nas obras do romancista que merecem destaque: a mistura de amor com ódio ou tirania, e crueldades brutais. Ambas podem ser elucidadas por dois traços de Dostoiévski que se refletem em sua atividade literária: seu psicologismo e seu realismo. Segundo o crítico V. Kirpótin,

“Dostoiévski possuía a faculdade como que da visão direta da psique do outro. Ele olhava para a alma do outro, como que munido de uma lente óptica, que permitia a ele perceber as mais sutis nuances, acompanhar as mais imperceptíveis modulações e transições da vida interior do ser humano. Dostoiévski, como que passando as barreiras exteriores, observa os processos psicológicos que se dão no ser humano, e os registra no papel...”

No dom de Dostoiévski de ver a psique do outro, a “alma” do outro, não havia nada a priori. Ele apenas tomou proporções excepcionais, mas ele se apoiava na introspecção e na observação das outras pessoas, e no estudo árduo do ser humano através da literatura russa e mundial, isto é, ele se apoiava na experiência interior e exterior

e tinha um valor objetivo”. (BAKHTIN, 2002, p. 22, tradução minha).³

Assim, Dostoiévski era apto a perceber os sutis movimentos que se dão na mente humana, e a imiscibilidade entre as emoções, inclusive entre amor e ódio, o que é ilustrado pelo comentário de Andréi Ivánovitch, em *O eterno marido*, a respeito de Pável Pávlovitch: “Sem dúvida, gostava de mim, enquanto me odiava. Esse amor é de todos o mais forte” (DOSTOIÉVSKI, s/d, p. 154). Curiosamente, o próprio Mikhailóvski faz uma observação, se não subjetivamente, ao menos objetivamente sagaz e aplicável ao romancista:

Um simples mortal admira a beleza de um belo rosto, mas um cientista aproxima-se com o microscópio e vê nesse belo rosto toda uma malha de rugas e cavidades nada belas. O mesmo ocorre aqui. Psicólogos refinados como o homem do subsolo e o próprio Dostoiévski podem encontrar na alma certas coisas e certas combinações de coisas que para nós, simples mortais, são totalmente inacessíveis. E se, de fato, o amor e a tirania crescem, florescem e dão frutos lado a lado, até mesmo transformando-se um no outro, (...) então, novamente, quem dentre as pessoas instruídas do século dezenove ousará atirar a primeira pedra no homem do subsolo? (GOMIDE, 2013, p. 441).

Além do psicologismo, outro traço de Dostoiévski enquanto artista que Kirpótin aponta é o realismo, isto, é a capacidade de retratar objetivamente a realidade, que é contraditória (BAKHTIN, 2002). Podemos entender à luz disso as representações de crueldades brutais na atividade literária do romancista. Ele apenas representava a crueldade que há, de fato, no mundo. O próprio artigo de Mikhailóvski tange o mesmo ponto:

Mas talvez o leitor duvide da própria existência de pessoas tão desnecessariamente cruéis. Ele ouviu dizer que pessoas atormentam pessoas por vingança, interesse etc. E quando a paixão nubla a mente, a crueldade, se não é desculpável, é ao menos compreensível como

³ No original, em russo: “Достоевский обладал способностью как бы прямого видения чужой психики. Он заглядывал в чужую душу, как бы вооруженный оптическим стеклом, позволявшим ему улавливать самые тонкие нюансы, следить за самыми незаметными переливами и переходами внутренней жизни человека. Достоевский, как бы минуя внешние преграды, непосредственно наблюдает психологические процессы, совершающиеся в человеке, и фиксирует их на бумаге...”

В даре Достоевского видеть чужую психику, чужую ‘душу’ не было ничего априорного. Он принял только исключительные размеры, но опирался он и на интроспекцию, и на наблюдение за другими людьми, и на прилежное изучение человека по произведениям русской и мировой литературы, то есть он опирался на внутренний и внешний опыт и имел поэтому объективное значение”.

ímpeto em meio ao estupor. Mas torturar assim, por um jogo da fantasia, por uma contemplação artística da tortura — isso existe? Infelizmente, sem dúvida existe. É testemunha disso a história, que conheceu Ivan, o Terrível, Nero (...). São testemunhas disso diversas trivialidades cotidianas, se você quiser observá-las com atenção. (...) (GOMIDE, 2013, p. 459).

O próprio crítico dá a resposta. Seu erro está em desacreditá-la e empregá-la sarcasticamente. Em uma dada parte de *The brothers Karamazov*, em uma conversa com Aliócha, Ivan comenta sobre tal questão:

As pessoas falam às vezes de crueldade bestial, mas isso é uma grande injustiça e insulto para as bestas; uma besta nunca pode ser tão cruel como um homem, tão artisticamente cruel. O tigre apenas rasga e rói, isso é tudo que ele pode fazer. Ele nunca pensaria em pregar pessoas pelas orelhas, mesmo se ele fosse capaz de fazê-lo. Estes turcos tinham prazer em torturar crianças também; cortavam a criança não nascida do ventre da mãe, e arremessavam bebês pelo ar e pegavam-nas nas pontas de suas baionetas diante dos olhos de suas mães. (DOSTOEVSKY, 1971, p. 122-3, tradução minha)⁴.

Dostoiévski, então, retrata a crueldade que há efetivamente na humanidade, a natureza pecaminosa do ser humano, como será visto posteriormente.

4. Os demônios

Um erro que Mikhailóvski deve ter cometido foi confundir o herói com o autor. De acordo com Bakhtin, na obra literária de tipo monológico, ocorre, por vezes, de a personagem ser usada apenas para veicular uma ideologia do autor. A produção literária de Dostoiévski, contudo, se dá em outro plano, bem distinto, a saber, no plano polifônico: aí a personagem é livre e, segundo o filósofo soviético, tem sua própria voz. O que o herói diz não é necessariamente o que o autor pensa. Por exemplo, os fragmentos do eslavofilismo de Chátov, em *Os demônios*, não são convicções do próprio Dostoiévski. Em seu discurso em honra a Púchkin, de 1880, Dostoiévski diz: “Ah, todo esse nosso eslavofilismo e ocidentalismo é apenas um grande equívoco, embora historicamente necessário” (GOMIDE, 2013, p. 422). O mesmo se dá com os personagens que se comprazem no sofrimento. É o caso de Nikolai Stavróguin,

⁴ No original, em inglês: “People talk sometimes of bestial cruelty, but that’s a great injustice and insult to the beasts; a beast can never be so cruel as a man, so artistically cruel. The tiger only tears and gnaws, that’s all he can do. He would never think of nailing people by the ears, even if he were able to do it. These Turks took a pleasure in torturing children, too; cutting the unborn child from the mother’s womb, and tossing babies up in the air and catching them on the points of their bayonets before their mothers’ eyes”.

personagem de *Os demônios*. Este romance se destaca pela brutalidade. Pondé considera-o a obra mais engraçada de Dostoiévski, contudo, também é bastante trágico e marcado pela vilania.

Nikolai Stavróguin é mencionado por Mikhailóvski como um exemplo da voluptuosidade do mal e do “talento cruel” de Dostoiévski. Em conversa com Chátov, este pergunta a Nikolai:

(...) é verdade que em Petersburgo você pertenceu a uma sociedade secreta de voluptuosos bestiais? É verdade que o Marquês de Sade poderia aprender com você? É verdade que você atraía crianças e as pervertia? (...)

— Eu disse essas palavras, no entanto não ofendi crianças — pronunciou Stavróguin, mas só depois de uma pausa demasiado longa. Estava pálido e seus olhos em fogo.

— Mas você disse! — continuou Chátov em tom imperioso, sem desviar dele os olhos cintilantes. — É verdade que você teria assegurado que não sabe distinguir a beleza entre uma coisa voluptuosa e bestial e qualquer façanha, ainda que se trate de sacrificar a vida em prol da humanidade? É verdade que em ambos os pólos você descobriu coincidências da beleza, os mesmos prazeres?

— É impossível responder assim... Não quero responder — murmurou Stavróguin (...). (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 254).

Em sua carta de confissão ao monge Tíkhon, Nikolai assume ter abusado de uma menina, o que a levou ao suicídio. E em sua carta à Dária Pávlovna, ele confessa: “Tanto quanto antes, sempre posso desejar fazer o bem e sinto prazer com isso; ao mesmo tempo, desejo o mal e também sinto prazer. Mas tanto um quanto outro sentimento continuam mesquinhos demais como sempre foram, fortes nunca são” (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 651).

Em *Os demônios*, ocorrem crimes cruéis assassinatos, suicídios; no fim, a cidade é incendiada, e o vilão por trás de toda a destruição, Piotr Stiepánovitch, foge; há até a profanação de uma igreja, e a destruição de ícones no caso de um jovem alferes de São Petersburgo: “lançara para fora de seu quarto dois ícones da senhoria e cortara um deles com um machado; em seu quarto pusera sobre suportes em forma de três atris obras de Vogt, Moleschott e Büchner, e diante de cada atril acendera velas votivas de cera” (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 337-8). Todavia, toda essa crueldade não é sem propósito. *Os demônios* foi inspirado por um caso real de assassinato, que chocou a sociedade da época. Expressa de modo exemplar uma peculiaridade das obras de Dostoiévski assinalada por Bakhtin: seu caráter de publicística (termo empregado pela crítica

soviética para o tipo literário centrado em temas da atualidade), isto é, expressa as tendências em voga e os acontecimentos da época. Todavia, Dostoiévski não se limita a retratar o caso real: e acordo com Pondé, ele se propõe, nesse romance, a fazer algo maior, fazer uma exposição da fenomenologia absoluta do mal em funcionamento, do ateísmo.

O escritor, portanto, neste romance, não trabalhava artisticamente a crueldade por perversão. Ele retratava a crueldade a que pode chegar o ser humano pelo ateísmo e niilismo. E Stavróguin não veicula convicções vis do próprio Dostoiévski: ele retrata a degradação moral e atrofia psicológica a que pode chegar uma pessoa que recebeu uma educação liberal, como é o caso desta personagem.

5. O pecado

Dostoiévski retrata artisticamente a crueldade que há, de fato, no mundo. Além de seu realismo, um outro aspecto dele merece destaque: ele era, como mostra Pondé, um pensador religioso, cristão ortodoxo. Assim, para ele, a natureza humana não é puramente boa, mas decaída, pecaminosa. Para o romancista, o ser humano é radicalmente insuficiente, ou seja, ele, por si próprio, não se realiza espiritualmente de modo pleno e adequado; o homem, entregue a si próprio, está sujeito aos males inerentes a ele, de modo que pode ser levado até à autodestruição. Como é insuficiente, o ser humano precisa do auxílio da Transcendência, de Deus. O pecado é o que afasta o ser humano de Deus, é, nas palavras de Pondé, o “exílio de Deus”.

Além da natureza pecaminosa do ser humano, o próprio mundo constitui uma esfera de ação mal. O Evangelho de maior predileção de Dostoiévski era o Evangelho segundo São João, e ele próprio marcou em seu volume das Sagradas Escrituras, como Kirillova trata em seu artigo, o trecho de 16: 33: “Isto eu vos disse para que vós tivestes paz em Mim. No mundo tereis sofrimento; mas sede fortes: Eu venci o mundo”⁵. Dostoiévski, então, concorda com a tradição cristã ortodoxa que o mundo é uma esfera de sofrimento.

Segundo Pondé, o pecado constitui o cerne da filosofia da religião de Dostoiévski, presente em sua obra literária. Aí, então, não se retratam artisticamente a crueldade e o sofrimento por gozo sadomasoquista. Ao invés disso, retrata-se a realidade do pecado e do sofrimento do mundo e do homem.

⁵ No original, em russo: “Сие сказал Я вам, чтобы вы имели во Мне мир. В мире будете иметь скорбь; но мужайтесь: Я победил мир”.

Mikhailóvski acusa Dostoiévski de “minar por baixo tudo o que existe no mundo de rosa claro e azul-celeste”. Ele indaga: “Não será isso uma forma de solapar todas as melhores recordações e todas as esperanças em um futuro melhor?” (GOMIDE, 2013, p. 475). Dostoiévski tem esperança em um mundo melhor, todavia, o mundo não é todo cor-de-rosa, nem o ser humano o é, ainda mais entregue a si mesmo. Em sua atividade literária, ele lança luz ao lado obscuro e negro do ser humano.

6. Amor ao sofrimento?

Uma das razões subjacentes ao tema do sofrimento, então, sugerida pelo próprio Mikhailóvski, é a inclinação humana à maldade e à perversão. A outra é amor ao sofrimento. Todavia, tal colocação pode ser problemática, o que requer esclarecimento. Dostoiévski “amava” o sofrimento, valorizava-o, não por insanidade, como Mikhailóvski propunha, mas por ser o sofrimento redentor. Ele pode salvar o homem. Isso tem uma dimensão literária e uma teológica.

No campo literário, o sofrimento serve para dissolver qualquer ideia acabada da personagem. Isso evita sua coisificação. Segundo Bakhtin,

O epíteto “um talento cruel”, dado a Dostoiévski por N.K. Mikhailóvski, tem em si seu fundamento, embora não tão simples como se apresentou a Mikhailóvski. As torturas morais de seu próprio tipo, às quais Dostoiévski submete seus heróis, de modo a obter deles a palavra da autoconsciência, que atinge seus limites últimos, permitem dissolver tudo o que é coisificado e objetivo, tudo o que é sólido e imutável, tudo o que é exterior e neutro na representação do ser humano na esfera de sua autoconsciência e autoexpressão. (BAKHTIN, 2002, p. 31, tradução minha).⁶

O sofrimento, a agonia, ou terror moral, então, constitui, segundo Pondé, o instrumento literário do romancista para dissolver a lógica identitária. A personagem sempre é mais do que parece; ela não se limita a definições; não é coisificada e objetivada.

Assim como a obra de arte é um reflexo da vida, nos termos de Mikhailóvski, e a personagem é um reflexo do ser humano, a importância da descoisificação e

⁶ No original, em russo: “Эпитет ‘жестокый талант’, данный Достоевскому Н. К. Михайловским, имеет под собою почву, хотя и не столь простую, как она представлялась Михайловскому. Своего рода моральные пытки, которым подвергает своих героев Достоевский, чтобы добиться от них слова самосознания, доходящего до своих последних пределов, позволяют растворить все вещное и объектное, все твердое и неизменное, все внешнее и нейтральное в изображении человека в сфере его самосознания и самовысказывания”.

transcendência de definições no campo da identidade se faz presente também na realidade humana, para fora do campo estritamente literário, e tem uma importância espiritual, teológica. Pondé usa a figura do “polimento” para explicar a dinâmica do sofrimento: a agonia, ou terror, é um fator de “polimento” para o ser humano, para “poli-lo” de definições e de conceitos. Como o filósofo brasileiro explica, o homem busca historicamente por se definir, por se enquadrar em conceitos, mas isso é um mal sob a perspectiva de uma inteligência religiosa, como é o caso de Dostoiévski. O ser humano é absolutamente livre, dotado de livre arbítrio, e, assim, transcende qualquer definição que seja jogada sobre ele. O sofrimento, a agonia, constitui uma oposição à desvalorização coisificante do ser humano, tira-o da conformação. Piotr Stiepánovitch, o grande vilão de *Os demônios*, não tem agonia, é conformado com suas ideias e propósitos políticos, é um niilista de sangue frio, por isso está mais condenado à perdição. Já Ivan Karamázov, personagem de outro romance, sofre, e chega a conversar com o próprio demônio; por isso, segundo Pondé, está mais próximo de Deus. A ideia de que o sofrimento salva está bastante vinculada à alma russa.

O cristianismo russo carrega muito nessa ideia de redenção, de que se é salvo pelo sofrimento. É daí que vem a suposição de que os russos são reacionários ou niilistas, o que a mim parece uma leitura redutora. Todavia, o foco aqui deve ser a sutil “mecânica” desse amor que se confessa condicionado pela dor. (PONDÉ, 2013, p. 188).

Para Dostoiévski, a raiz da consciência é o sofrimento. Negá-lo é querer viver no paraíso, o que é ingênuo. Uma aparente neurose, como a que seus personagens sofrem, é preferível a negá-la, como se a agonia existencial não existisse. O sofrimento existencial é uma positividade. A negação da agonia é uma mentira... e um mal. De acordo com Pondé, o sofrimento psicológico na obra de Dostoiévski é revestido de uma certa sacralidade, pois sua travessia revela o sentido da mesma travessia. Então, não é que o humano necessariamente ama o sofrimento, ou que Dostoiévski é mentalmente insano: o sofrimento é um meio, não um fim.

7. Considerações finais

Ao longo deste trabalho examinou-se o tema do sofrimento em Dostoiévski e a crítica de Mikhailóvski ao romancista. Algo notável é como o próprio crítico aponta as razões apropriadas para o sofrimento na atividade literária de Dostoiévski, como ele

próprio dá as respostas, mas seu erro reside em tomar sarcástica ou ironicamente aquilo que deveria ser tomado literal e seriamente.

O tema do sofrimento em Dostoiévski se sustém, como aponta Mikhailóvski, com dois fatores: a natureza tirânica e pecaminosa do ser humano, e o poder de redenção e desalienação do sofrimento.

A função do sofrimento na obra literária do escritor russo não é causar tortura desnecessária e imotivada no leitor ou n personagens, mas dissolver a lógica identitária, manter as personagens inacabadas, não coisificadas. Acrescenta-se ainda o olhar realista de Dostoiévski. Ele retrata a face obscura do mundo, o que não é “rosa claro e azul-celeste”.

Não obstante, salienta-se que nem todos os pontos da crítica de Mikhailóvski foram tratados devidamente, nem se ilustrou os argumentos com tantos exemplos das obras de Dostoiévski mencionadas quanto seria possível, pois, do contrário, a extensão deste trabalho se ampliaria tremendamente. Todavia, pode-se dizer que o artigo de Mikhailóvski renderia muito material para discussão literária.

8. Referências

DOSTOEVSKY, Fyodor M. **The brothers Karamazov**. Trad. Constance Garnett. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1971 (Great Books of the Western World, 52).

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. **O eterno marido**. Porto Alegre: L&PM, s/d.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. **Os demônios**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2013.

GOMIDE, Bruno B. **Antologia do pensamento crítico russo**. Org. Bruno B. Gomide. São Paulo: Editora 34, 2013.

KIRILLOVA, Irina. Dostoevsky's markings in the Gospel according to St John. In: PATTISON, George; THOMPSON, Diane O. **Dostoevsky and the Christian Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PONDÉ, Luiz F. **Crítica e Profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski**. São Paulo: LeYa, 2013.

БАХТИН, Михаил М. **Проблемы поэтики Достоевского**. Москва: Im Werden-Verlag, 2002. Fonte: <http://imwerden.de/pdf/bachtin_poetika_dostoevsky.pdf>. Acesso em: 04/12/2017.

Новый Завет и Псалтирь. London: T.B.S., 1992.